

## HISTÓRIA

# Assembléia Guarani de 1630 denuncia exploração através do plantio da



Foto Bartolomeu Meliá

Índios Guarani durante um canto ritual

# ERVA INFERNAL

**P**ara os índios Guarani a gostosa erva-mate tinha-se tornado, no Século XVII, uma "erva infernal". Os índios eram obrigados a trabalhar nas piores condições, longe da família e da aldeia, com má alimentação e muitos perigos de picadas de cobra e ataques de onça. Eram levados para os ervais e, quando tentavam fugir, eram perseguidos e duramente castigados. A mata de Mbarakaju, perto das Sete Quedas, no Paraná, a região dos maiores e mais produtivos ervais, era uma imensa "sepultura de índios", embranquecida pelos ossos de milhares de índios mortos naquele trabalho, como expressa, dramaticamente, o Pe. Antônio Ruiz de Montoya no livro "Conquista Espiritual". Existia uma legislação que proibia tal trabalho naquelas condições, mas era letra morta: as próprias autoridades eram as primeiras interessadas em que a lei ficasse ignorada e esquecida. E o índio sem defesa.

Os Jesuítas do povo de Santo Inácio comunicaram aos índios as provisões reais. Essas ordenaram que os índios não sirvam mais de dois meses, nem sejam levados a Mbarakaju na estação das doenças. O Conselho dos Guarani e quase todo o povo esteve lá para escutar, comentar e dar resposta. Foi essa resposta que os padres deixaram por escrito na própria língua Guarani, para que se visse a "força das palavras" dos índios. Esse documento, hoje conservado na Biblioteca Nacional do Rio (Manuscritos da Coleção de Angelis, I-29-1-34), pode ser considerado como a ata mais antiga de uma Assembléia Indígena em território brasileiro. Nela aparecem as grandes injustiças da opressão e exploração do índio: uma legislação que é boa, mas fica letra morta, engano por parte do patrão, brutalidade dos capangas, fome, doença e morte dos índios, ameaças e castigos contra os que resistem, reconhecimento aos missionários que têm a coragem de defendê-los. Este documento é importante para se conhecer a psi-

cológia indígena e como eles enxergavam conscientemente a situação.

A "ata" deste depoimento foi assinada no povoado de Santo Inácio, no atual Estado do Paraná, do dia 14 de agosto de 1630, por vários padres ali presentes: José Cataldino, Christobal de Mendiola, Juan Suarez de Toledo, Francisco Diaz Taño e o superior das Missões, Antônio Ruiz de Montoya. Esta denúncia e a luta contra a opressão e injustiças dos colonos iam se repetir muitas vezes. De fato, continua até hoje.

No documento original vai o texto em Guarani e a tradução em língua espanhola. A versão em português foi feita diretamente do guarani para o Porantim. Os entre-títulos e explicações em parênteses são da redação. Segue o documento na íntegra.

Pe. Bartolomeu Meliá, S. J.  
MISSÃO ANCHIETA,  
09/03/82.

## LUGAR DE MORTE CERTA

"Ficamos muito alegres e satisfeitos escutando a palavra do nosso grande chefe (El-Rei); agora parece que o nosso grande chefe está olhando para a gente; antigamente, quando nós nos víamos pobres e maltratados pelo caraíba (o branco), parecia que o nosso grande chefe nada sabia; isso é o que a gente falava entre nós. Mas de agora em diante parece que o nosso grande chefe está sabendo de nós, olha para nós. Depois de escutar suas palavras, ficamos tranquilos.

Faz tempo que tínhamos escutado que não é para ir ao Mbarakaju contra nossa vontade, mas o caraíba não obedecia, e mesmo depois de ter sido falada essa palavra, ele levava continuamente nosso pessoal, nossos filhos e nossos irmãos para o Mbarakaju, lu-

gar de morte certa, onde o nosso pessoal acabava; e não somente os vassallos, mas também os filhos dos caciques e os próprios caciques, o caraíba levava para acabar com eles e fazer eles morrer pelo mato, sem poder nem confessar nem comungar, como se não fossem cristãos, mas bichos.

## NOSSOS INIMIGOS: OS CARAIBA

Aqueles matos de Mbarakaju estão cheios dos ossos de nossa gente. O templo só guarda ossos de mulheres mas os ossos de nosso pessoal morto estão jogados no Mbarakaju. É por isso que a gente ficou empobrecida, sem casa e sem roça, passando muita necessidade, sem pessoal, sem filhos, sem irmãos. Os rapazes acabaram todos no Mbarakaju. As nossas mulheres não param de chorar com saudade dos maridos mortos, com saudades dos filhos. Portanto não queremos mais ir para o Mbarakaju, nem queremos enviar para lá o pessoal da gente para que acabem os que ainda ficaram por lá.

Queira Deus que a nossa palavra se fizesse escutar ao nosso grande chefe, para que seja fechada a porta e o caminho de Mbarakaju, e não vá mais ninguém para lá. Que aqueles meninos que so-

braram, fiquem aqui para firmar a aldeia. Que o nosso grande chefe tenha compaixão de nós, que não acabemos no Mbarakaju sem confissão e sem receber os sacramentos, como bichos. O nosso grande chefe, certamente, não vai escutar nossas palavras se vocês, os padres, não as comunicarem, sendo os caraibas os nossos inimigos. Nós não queremos enviar lá o nosso pessoal. Para falar sinceramente, vocês também viraram inimigos deles por nossa causa. Não somente vocês, mas também vossas coisas, até as cartas todas são inimigas dos caraibas, por nossa causa. Mas o nosso grande chefe escutará, certamente, as nossas palavras se vocês falam. Por isso nós pedimos que vocês mandem para ele a nossa palavra; cuidará de nós o nosso grande chefe, para que os caraibas não nos inquietem mais, nem levem mais o nosso pessoal para Mbarakaju.

## MEDO E MENTIRA

Não queremos ir ao Mbarakaju, nem queremos enviar para lá o nosso pessoal, isto é o que nós dizemos de coração. Daquele Mbarakaju nós não trazemos coisa alguma, mesmo pequena. Os caraibas não pagam o cansaço da nossa gente. O que nós trazemos é só cansaço; doença nós trazemos. Da nossa gente, uns morrem frequentemente no caminho, outros apenas chegando, outros ficam doentes para sempre. Por isso tudo, nós pedimos, pelo amor de Deus, que vocês enviem nossas palavras para o nosso grande chefe, que ele fale assim: Vocês não vão para Mbarakaju, mesmo vocês querendo. Os caraibas são tais que se o nosso grande chefe fala para nós: vocês vão ao Mbarakaju se vocês querem, os caraibas não vão parar de aborrecer a gente, uma e outra vez, para levar nosso pessoal e nossos filhos, e não somente nos

aborrecerão, mas levarão mesmo o nosso pessoal, os nossos filhos e até os doentes, dizendo com mentira, que a gente vai de própria vontade; também meterão medo em nós e farão sentir o castigo, como já fizeram nós últimos anos.

## FAÇAM NOS ESCUTAR!

Naquela ocasião o senhor (governador) Luis (de Céspedes Xeria) parece que queria destruí-los, trazendo para nos castigar aquele capitão de Mbarakaju chamado Saavedra. Então gente do povo de Nossa Senhora (de Loreto), que vinha do Mbarakaju, depois de trabalhar ali muitas luas, foi castigada na frente dos pais, de suas mulheres, dos filhos. Aqui mesmo, neste nosso povo também um índio principal de nome Luis Mbaeay foi maltratado, porque não quis dar o único filho que tinha para que fosse ao Mbarakaju; um caraíba queimou a cara dele com um tição na nossa frente, fazendo estremecer o nosso coração de dor. E o capitão grande Duiy (governador Luis de Céspedes), que chegou, faz pouco tempo, ele mesmo castigou forte com as próprias mãos batendo com pau num índio que acabava de chegar de Mbarakaju, querendo levá-lo logo para lá, por ter dito que acabava de chegar de lá. Os caraibas, nestes dias, mesmo depois de chegarem as palavras do nosso grande chefe, que vocês disseram para nós, nos têm amedrontado, falando grosso para esquentar a gente, ameaçando e dizendo: vamos chegar para maltratar e destruir o povo; vamos trazer canhões para acabar chegar com vocês. O nosso grande chefe está longe e nem vai ter notícia, nem vai ouvir a vocês e vamos fazer os padres sair daqui. Essas são as palavras quentes que temos que agüentar continuamente. É por isso que as nossas palavras queremos que vocês mesmos façam o nosso grande chefe escutar. Não temos outro que vai cuidar de nós, não há outro escrevente e, mesmo havendo, não vai querer fazer e vai fazer sentir as palavras dele, dizendo que são palavras do índio".

Mato  
(Família das  
Aquifoliáceas)